



EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CURRÍCULO: ENTRE VIVÊNCIAS E TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO

Cláudia Gadelha Alves¹
Fabiano Sales de Aguiar²
Marlene Rodrigues³

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar o papel do currículo na perspectiva inclusiva. Trata-se de pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. Para tanto, foram realizadas pesquisas em artigos e livros indicados na disciplina “Currículo e Educação Básica”, do Programa de Mestrado em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia, além de estudos relacionados ao tema disponíveis em bibliotecas digitais de bases de dados acadêmicas, como as plataformas *SciELO*, portal de periódicos da Capes e *Google Acadêmico*. Desse modo, procedeu-se uma revisão de literatura, através de um processo de busca, análise e descrição de pesquisas que respondessem ao objetivo proposto. Os resultados evidenciam que o currículo, como um guia que prepara os alunos para suas vivências, ajudando-os a desenvolver habilidades que vão além da sala de aula, precisa ser flexível, respeitando suas diferenças. Na perspectiva da educação inclusiva, o currículo é um elemento central, por apontar caminhos para o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos. A formação da equipe escolar demanda a compreensão da importância de oferecer oportunidades de aprendizado para todos os alunos. Essa responsabilidade recai não apenas sobre os profissionais da educação, mas também sobre o Estado, a sociedade e as famílias, que devem estabelecer uma parceria sólida para a consolidação de uma nova cultura escolar.

Palavras-chave: currículo; educação inclusiva; desenvolvimento integral.

¹ Mestranda em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), professora na Secretaria Municipal de Porto Velho (Semed), claudiagadelha2501@gmail.com

² Doutorando em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), professor na Universidade Federal do Acre (UFAC), fabiano.aguiar@unir.br

³ Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), professora na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), marlene.rodrigues@unir.br

Resumen

El objetivo de este estudio es analizar el papel del currículo desde una perspectiva inclusiva. Se trata de una investigación bibliográfica, con enfoque cualitativo. Para ello, se realizaron investigaciones en artículos y libros indicados en la asignatura «Currículo y Educación Básica», del Programa de Maestría en Educación Escolar de la Universidad Federal de Rondônia, además de estudios relacionados con el tema disponibles en bibliotecas digitales de bases de datos académicas, como las plataformas SciELO, el portal de revistas de Capes y Google Académico. Así, se llevó a cabo una revisión bibliográfica mediante un proceso de búsqueda, análisis y descripción de investigaciones que respondieran al objetivo propuesto. Los resultados demuestran que el currículo, como guía que prepara a los alumnos para sus experiencias y les ayuda a desarrollar habilidades que van más allá del aula, debe ser flexible y respetar sus diferencias. Desde la perspectiva de la educación inclusiva, el currículo es un elemento central, ya que señala el camino para el desarrollo académico y social de los alumnos. La formación del equipo escolar exige comprender la importancia de ofrecer oportunidades de aprendizaje a todos los alumnos. Esta responsabilidad recae no solo en los profesionales de la educación, sino también en el Estado, la sociedad y las familias, que deben establecer una sólida alianza para consolidar una nueva cultura escolar.

Palabras clave: currículo, educación inclusiva, desarrollo integral.

1 INTRODUÇÃO

Para que ocorra a consolidação da educação inclusiva, o currículo tem que ser elemento estruturante de quaisquer propostas de ensino inclusivo que queiram promover, de fato, a equidade, tanto no acesso quanto na permanência de todos os alunos nas escolas. Nessa perspectiva, o currículo não pode ser tratado como um acúmulo de conteúdos que devem ser aplicados cotidianamente na escola.

Muitas práticas escolares acabam por dificultar a inclusão, por tomarem o currículo como um documento inflexível, o que não atende às demandas dos estudantes. Dentre vários fatores, a educação inclusiva requer um currículo adaptável, flexível e dinâmico, que respeite as individualidades e necessidades dos alunos, para o desenvolvimento integral de todos.

O currículo deve ser pensado dentro de uma perspectiva de acolhimento da diversidade no contexto escolar, de modo a promover a educação inclusiva e garantir o direito ao ensino, para que os alunos tenham acesso ao conhecimento sistematizado. No contexto histórico brasileiro, a construção e a implementação de currículos, em muitos casos, são rígidas e priorizam o ensino homogêneo, desconsiderando as especificidades dos alunos.

A educação pautada na inclusão tem como princípio fundamental o reconhecimento das diferenças, para que se pense em propostas educativas para todos. Nessa linha de pensamento, para ser inclusiva, a escola deve promover práticas pedagógicas que ofereçam as mais diferentes formas do currículo a todos, sem exceção.

Não podemos esquecer das avaliações da aprendizagem, que também fazem parte da estrutura do currículo inclusivo. Ainda temos modelos tradicionais de avaliação que priorizam a memorização de conteúdo, baseadas na aplicação de provas totalmente padronizadas, que não abrem espaço para que os alunos possam desenvolver seus potenciais. Em muitas escolas, essas provas são realizadas bimestralmente e, muitas vezes, com um único documento que verifica se o aluno foi capaz de abstrair todo o conteúdo ministrado no bimestre. Essa maneira de avaliar os alunos desconsidera toda a estrutura de um currículo inclusivo, que deve prever avaliação periódicas para acompanhar os avanços e as dificuldades dos alunos e não uma folha que dá um aval de aprovado ou reprovado no bimestre.

Promover a inclusão por meio do currículo só pode acontecer por meio de formação continuada dos professores, para que possam conhecer e lidar com a diversidade que permeia o espaço da sala de aula. Um bom passo para escolas contribuírem com a formação de seus docentes é investir em parcerias com as Universidades, promovendo cursos de mestrado e doutorado em Educação Profissional, pois esses programas oferecerem propostas de formação

no próprio ambiente escolar e de forma dialogada com os professores, oferecem suporte nas pesquisas e escutam os reais problemas enfrentados pelos docentes no chão da escola.

Nessa perspectiva, as escolas não ficam esperando formações esporádicas dos governos municipais, estaduais e federal, implicando em maior autonomia das escolas em busca de formação para seus educadores. Por isso, promover um currículo inclusivo tem início com a mudança tradicional de olhar esse documento, que deve ser humanizado, de modo que aprendizagens, trajetórias, ritmos e formas de ensinar e aprender devem ser priorizadas na construção de uma escola que visa a inclusão de seus alunos.

Certamente, podemos ter uma educação inclusiva quando todos os alunos, sem exceção, tiverem garantidas oportunidades para desenvolver suas particularidades, destacando seus potenciais muitas vezes ignorados pela escola. De fato, a inclusão escolar só ocorre quando os alunos participam ativamente do processo de ensino e o currículo é um importante caminho para esse processo.

2 METODOLOGIA

Neste estudo, por meio de uma pesquisa qualitativa, buscamos entender o papel do currículo dentro de uma perspectiva integrativa, como um documento que contribui para o desenvolvimento dos alunos de forma inclusiva. A respeito da pesquisa qualitativa, Brandão (2001, p. 13) afirma que:

[...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa.

Nesse sentido, embora este trabalho tenha uma abordagem teórica, devemos lembrar que, como diz Minayo (2009, p. 17), “[...] a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Assim, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de compreender a função do currículo em uma perspectiva inclusiva. Segundo Gil (2022, p. 44), a pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As

pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

A pesquisa surgiu com vistas a aprofundar os estudos realizados em uma disciplina denominada “Currículo e Educação Básica”, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar, da Universidade Federal de Rondônia, *campus* Porto Velho. Para a produção deste artigo, selecionamos pesquisas com recorte temporal de cinco anos (2020 a 2025), por meio de publicações em bases de busca tais como: *SciELO*, portal de periódicos Capes e *Google Acadêmico*. Como palavras-chave, utilizamos: Currículo, Inclusão e Adaptação curricular.

Na etapa de busca, inicialmente encontramos 78 artigos dos quais, posteriormente, excluimos os artigos/tópicos repetitivos, os que estão fora do recorte temporal proposto, os não escritos em português, bem como aqueles que abordam a temática da inclusão e o currículo em proposta trabalhada especificamente para alunos com deficiência. Ao término dessa fase, selecionamos cinco artigos para análise, os quais estão elencados no Quadro 1:

Quadro 1 - Artigos selecionados para análise

Título	Autor(es)	Revista	Ano
Construindo uma escola inclusiva: modelos, práticas e desafios.	Pedro Borba Lopes	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2025
O currículo escolar na perspectiva da educação inclusiva: uma construção social transformadora.	Rodiney Marcel Braga dos Santos	REIN - Revista Educação Inclusiva	2022
Educação inclusiva e educação especial na perspectiva inclusiva: repensando uma educação outra.	Márcia Maria Rodrigues Uchôa e Jerry Adriano Villanova Chacon	Revista Educação Especial	2022
Um currículo inclusivo é possível?	Eric Plaisance	Revista Espaço do Currículo	2021
Universalização não excludente e individualização inclusiva: debates curriculares em torno do DUA e do PEI para a inclusão escolar.	Andrialex William da Silva <i>et al.</i>	Revista e-Curriculum	2023

Fonte: Dados da pesquisa.

3 CURRÍCULO NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO PLURAL

Na atualidade, temos movimentos de pensadores que dialogam com o currículo como um espaço de valorização, afirmação e consolidação da diferença no espaço escolar, destacando-se uma visão bem definida de valorização da(s) cultura(s), as quais reivindicam o mesmo espaço de valorização das culturas tidas como eruditas. Ao mesmo tempo, acompanhamos a cultura vivida diariamente na escola conquistando o espaço pragmático abordado em pesquisas de autores como Silva (1999), Sacristán (2000; 1998) e Santomé (2013; 2011; 1995), dentre outros pesquisadores que abordam a questão da diferença em contextos escolares.

De fato, precisamos abordar essas questões em nosso contexto atual, tendo em vista a “[...] educação que temos e a educação que queremos” (Sacristán, 2000, p. 37). O referido autor nos chama a atenção para que esse ideal de educação, enquanto projeto, seja:

[...] não um projeto de sociedade ou de indivíduos perfeitos considerados como algo fixo, o que suprimiria qualquer pluralismo, mas um projeto como imagem tentativa revisável à medida que é construída de maneira aberta. Embora a educação se nutra de cultura conquistada, e seja por isso reprodutora, ela encontra seu sentido mais moderno (no sentido de atual) como projeto, enquanto tem capacidade de fazer aflorar homens e mulheres e sociedade melhores, melhor vida; isto é, encontra sua justificativa em transcender o presente e tudo o que vem dado. Sem utopia não há educação (Sacristán, 2000, p. 38).

Nessa perspectiva, o processo de inclusão na educação, em todos os níveis de ensino, é um dos desafios que os sistemas de ensino enfrentam em seu cotidiano. Independente das diferenças de cada aluno, todos têm direito a se apropriar do conhecimento sistematizado construído pela humanidade. Santomé (2013) comenta que, em muitos ambientes escolares, o livro didático é utilizado com verdade absoluta, impondo culturas, características humanas, sociais e ideológicas que monopolizam concepções reproduzidas nesse recurso didático. Em muitos casos, tais concepções são apresentadas aos alunos como superiores, como única verdade, deixando de fora outras culturas e individualidades que não adentram à escola por não serem priorizadas e/ou consideradas no currículo escolar.

De acordo com a análise de Santomé (2013, p. 284), "mediante a deformação, o silenciamento e a manipulação de determinados dados e situações, busca-se construir uma história e uma ciência na medida, ou seja, uma ciência racista, sexista, classista e homofóbica". Dessa maneira, os alunos são ensinados a se apropriar de um conhecimento apresentando por um currículo que prioriza uma cultura fechada e distante da realidade das escolas. Nessa linha

de raciocínio, Uchôa (2022, p. 74) afirma que “[...] desde o surgimento do currículo, o seu caráter controlador e regulador, essa associação do currículo a classe, com seus conteúdos, graus e idades passa a regular também as pessoas, através do processo de escolarização”.

Muitos currículos são construídos por meio de jogos de poder, em que a classe hegemônica dominante acaba por ditar o que deve ser estudado nas escolas. No entanto, entendemos que a visão sobre o currículo deve ser entendida pelo viés multicultural, “[...] uma vez que o multiculturalismo, partindo de uma concepção pós-estruturalista, está ligado ao “ser diferente” (Silva, 1999, p. 87).

Segundo Silva (1999), o acesso ao currículo deve partir da premissa de que a inclusão:

[...] não pode ser obtida simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico existente, como nas reivindicações educacionais progressistas anteriores. A obtenção da igualdade depende de uma modificação substancial do currículo existente (Silva, 1999, p. 90).

Não podemos continuar a buscar por uma igualdade que não existe em nenhum local, principalmente na escola, em que convivemos cotidianamente com pessoas, com suas individualidades, que englobam diferentes culturas. Na visão de Santomé (2011, p. 184),

Não podemos ignorar que os sistemas educacionais foram e são uma das redes por meio das quais se produz a domesticação das populações, apesar de com uma intensidade muito variável, dependendo do grau de organização e de luta dos distintos grupos sociais que operam no interior de cada sociedade. Os sistemas educacionais são o grande instrumento através do qual se levaram adiante os processos de *imperialismo cultural*; uma das principais estratégias de opressão.

Nessa direção, Uchôa (2022, p. 46) considera que “[...] discutir identidade nos remete a diferença, pois é a partir do Outro, numa relação de heteronomia, que esta é construída e deslocada para um processo de autonomia. O Outro é estruturante para o sujeito, é constitutivo para sua formação, um gerador de referências identitárias”.

Portanto, o currículo escolar deve ser flexível, crítico e, principalmente, inclusivo, garantindo que todos tenham acesso ao conhecimento como direito fundamental e que suas identidades sejam respeitadas.

4 A FUNÇÃO DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Neste tópico, trazemos a análise dos dados das pesquisas relacionadas ao nosso estudo, incluindo aquelas elencadas no Quadro 1, com o intuito de compreender a função do currículo

em uma perspectiva inclusiva. Compreendemos que o currículo é como um compasso, orientando os alunos na trajetória do conhecimento. O currículo vai além de uma simples lista de disciplinas e conteúdos: o currículo representa um conjunto de experiências que cultivam habilidades, atitudes e valores essenciais; é como um jardim bem cuidado, onde cada planta simboliza um aprendizado diferente e fundamental para o crescimento integral do aluno, preparando-o não apenas para os desafios da vida, mas também equipando-o com ferramentas emocionais, como empatia e resiliência.

Nessa perspectiva, as escolas devem desenvolver práticas que atendam a esse espaço heterogêneo, marcado pela “[...] pluralidade social e cultural, marcas dos espaços sociais na contemporaneidade, combatendo a tradição monocultural, que privilegia a cultura hegemônica, em detrimento das culturas “outras” (Uchôa; Chacon, 2022, p. 7). Comparando o “modelo de escola e as práticas produzidas no cotidiano escolar [...], o processo de inclusão escolar tem fracassado em virtude da prática marcada pela seletividade, classificação e a homogeneização” (Santos, 2022, p. 90). Assim, o currículo precisa ser flexível e adaptável, capaz de responder às mudanças e necessidades dos alunos.

Além disso, é crucial que o currículo celebre a diversidade, refletindo a pluralidade da nossa sociedade, valorizando as diferenças e promovendo o respeito mútuo. Isso contribui para uma educação mais inclusiva e equitativa. Esse modelo de educação proposto deve ser compreendido “como uma Educação Outra, por isso mesmo, direcionada para a Alteridade (do latim *alter*, que significa “outro”), marcada pela afirmação das diferenças, na relação interpessoal, com consideração e respeito” (Uchôa; Chacon, 2022, p. 8).

A educação inclusiva parte do princípio de que a educação é um direito de todas as pessoas, com práticas educativas que minimizem as barreiras que impedem a aprendizagem e valorizem as diferenças e a diversidade social e cultural. No entanto, em muitas instituições, o currículo “na perspectiva da educação inclusiva, por muitas vezes, tem sido negligenciado, assim, reforçando a segregação e/ou exclusão” (Santos, 2022, p. 88).

O currículo escolar sempre foi como um mapa, guiando o caminho da educação, definindo os destinos do que ensinamos e de como ensinamos. Porém, quando olhamos por uma lente inclusiva, esse mapa ganha novas cores e caminhos: precisa se adaptar, se moldar às diferentes trajetórias dos alunos, como se fosse um rio que encontra obstáculos, contorna-os e segue seu curso, sem perder sua essência. O currículo não é um livro engessado, mas uma conversa aberta entre professores, alunos e toda a comunidade escolar.

Nesse pensamento, concordamos com Silva *et al.* (2023) quando falam sobre a educação:

Entendemos que o direito à educação deve constituir uma ação política, social e cultural de garantir a todos os estudantes um percurso escolar no qual não apenas o direito ao acesso e a permanência na escola comum sejam assegurados, e sim representem o direito inalienável a ser conjugado, indissociavelmente, a condições de aprendizagem, ou seja, de acesso aos conhecimentos curriculares (Silva *et al.*, 2023, p. 8).

É como se todos fossem coautores dessa história, na qual a diversidade de vozes enriquece cada capítulo. A sala de aula se torna um palco de aprendizagens múltiplas, onde cada aluno é protagonista da sua própria jornada. Assim, o currículo escolar tem por missão atender às necessidades dos alunos com metodologias que proporcionem o aprendizado a todos e a “escola, como instituição educativa, possui a missão de promover um ambiente onde todos os alunos possam se desenvolver plenamente, respeitando suas individualidades” (Lopes, 2025, p. 2555).

É importante que a escola, por meio do currículo, tenha uma visão continua de valorização das diferenças, com compromisso, atitudes de valorização e respeito as singularidades dos alunos. No entanto, é importante promover formação inicial e continuada para professores, oferecendo espaços para diálogos sobre identidades e culturas que reflitam sobre a importância do currículo escolar nas ações cotidianas da sala de aula. Por conseguinte, para ser inclusiva, a escola “deve adotar políticas e práticas que favoreçam a inclusão, como a formação continuada de professores para lidar com a diversidade, a adaptação do currículo e a oferta de recursos pedagógicos acessíveis” (Lopes, 2025, p. 2555).

Do mesmo modo, um “professor reflexivo possui a capacidade de olhar sobre sua própria prática de maneira crítica: não apenas ele “aceita fazer parte do problema”, como “mantém uma relação de envolvimento com sua própria prática” (Plaisance, 2021, p. 11). Nessa linha, Lopes (2025, p. 2558) acrescenta que “todo o quadro de funcionários é fundamental para a implementação eficaz da educação inclusiva. Todos os profissionais, desde os professores até a equipe de apoio, precisam estar preparados”.

A responsabilidade sobre o processo de inclusão não pode estar nos ombros dos professores, pois a equipe escolar deve estar formada para contribuir nas ações de inclusão em todos os espaços da escola. A inclusão também é de responsabilidade das famílias. A esse respeito, Lopes (2025, p. 2556) afirma que:

A parceria entre família e escola é essencial para o sucesso da educação inclusiva. A comunicação constante e o envolvimento dos pais nas atividades escolares promovem um ambiente de cooperação e confiança, fundamentais para o desenvolvimento dos alunos. [...] As escolas devem estar abertas a ouvir e acolher as sugestões e preocupações das famílias, ajustando suas práticas conforme necessário para melhor atender às necessidades dos alunos.

Salientamos, ainda, importância da família no processo de práticas inclusivas, pois, de acordo Plaisance (2021), a educação ainda não é compreendida nas escolas brasileiras. O autor destaca que:

De acordo com as orientações internacionais a respeito da educação inclusiva, o elemento essencial não era aquele de adaptar às crianças as instituições educativas existentes e a seus modos de funcionamento, como requer o entendimento tradicional, mas sim aquele de adaptar os conceitos, os programas e as atividades pedagógicas às necessidades e aos interesses de todas as crianças (Plaisance, 2021, p. 7).

Nessa lógica, o currículo precisa ser flexível para que possam ser feitas modificações necessárias no cotidiano das escolas. Esse documento coletivo deve ser aberto ao imprevisto, às singularidades dos alunos, professores, escola e comunidade. O currículo deve ir “além da rigidez de um programa” (Plaisance, 2021, p. 9) e as escolas “devem estar abertas às infinitas possibilidades e às necessidades de seu alunado” (Silva *et al.*, 2023, p. 3).

A escolas enfrentam cotidianamente o desafio de garantir o direito à escolarização dos alunos, mas, em muitos espaços escolares, a diversidade não é respeitada. Em virtude disso, as orientações curriculares devem propor práticas que dialoguem com a escola real e suas particularidades, respeitando as particularidades desse ambiente plural que é a escola. Nesse sentido, “[...] o currículo inclusivo é aberto à improvisação, como, por exemplo, a improvisação no *jazz* no campo musical: há uma temática central, mas também a improvisação, que vem da invenção de cada músico” (Plaisance, 2021, p. 10)

Algumas propostas de inclusão dentro de uma perceptiva plural - como o e o Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e o Plano Educacional Individualizado (PEI) - contribuem com as práticas universalistas de inclusão com uma ferramenta que apresenta uma proposta de atendimento às demandas por didáticas que propõem ampliar a aprendizagem e participação de todos os estudantes. Essas perspectivas trazem “concomitantemente, um planejamento geral e um olhar diferenciado em sala de aula, para um contexto de demandas diferenciadas, na ponderação das necessidades a serem atendidas” (Silva *et al.*, 2023, p. 6).

Necessitamos de escolas que dialoguem com as diferenças que estão no interior de seu espaço (e também fora dele), fato que necessita de reflexão profunda sobre o currículo que permeia o cotidiano das instituições. Muitas propostas didáticas devem passar por um processo de inclusão que. Realmente. proporcionem o direito de todos. Dentro dessa ótica, ao considerar as diferenças e o espaço plural das instituições de ensino, estamos admitindo que “a cultura da homogeneidade merece ser questionada” (Silva *et al.*, 2023, p. 6).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta investigação, percebemos que o currículo é uma base da educação escolar, ensinando os alunos a serem cidadãos críticos e ativos, ajudando-os a desenvolver não só conhecimentos, mas também habilidades emocionais, tornando-os mais preparados para a sociedade, como sujeitos críticos e reflexivos.

O currículo precisa ser flexível e adaptável, de maneira a abranger as diferenças de cada aluno, respeitando sua cultura e sua realidade. A pesquisa nos mostrou que valorizar a diversidade é um passo gigante para uma educação de qualidade.

A educação inclusiva demanda de nós, educadores, uma postura também inclusiva, sendo necessário optarmos por um currículo que promova uma nova cultura escolar, tornando-se a manifestação e a prática de uma escola verdadeiramente democrática. Para que a escola se transforme em um ambiente onde todos aprendam a respeitar as diferenças, é necessário transcender visões patológicas da deficiência, que restringem os indivíduos e legitimam discursos de exclusão.

Os resultados evidenciam que o currículo, como uma das principais ferramentas do processo ensino-aprendizagem, deve ser flexível e adaptável às necessidades dos alunos, o que contribui para o estabelecimento de uma cultura escolar mais integrada. Além disso, as pesquisas analisadas apontam a importância de criar equipes escolares para a implementação de práticas integradas eficazes.

Cabe-nos salientar que a inclusão não é apenas a responsabilidade dos educadores, mas também da nação, da sociedade e da família, que devem agir juntas para garantir oportunidades justas de aprendizado. Além disso, ressaltamos a importância do currículo como um componente central da educação integrada, de modo a possibilitar os alunos desenvolvam não apenas habilidades acadêmicas, mas também emocionais e críticas.

REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, Pedro Borba. Construindo uma escola inclusiva: modelos, práticas e desafios. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 2554-2561, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i1.18010. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18010>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

PLAISANCE, Eric. Um currículo inclusivo é possível? **Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 1-16, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n1.58096. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/58096>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SANTOS, Rodiney Marcelo Braga dos. O currículo escolar na perspectiva da educação inclusiva: uma construção social transformadora. **REIN - Revista Educação Inclusiva**, Campina Grande, Brasil, v. 6, n. 4, p. 86-97, 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/589>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Evitando o debate sobre a cultura no sistema educacional: como ser competente sem conhecimento. In: SACRISTÁN, José Gimeno *et al.* **Educar por competências: o que há de novo?** Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação**. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. A avaliação do ensino. In: SACRISTÁN, José Gimeno. GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 295-351.

SILVA, Andrialex William da; MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; SANTOS, Rogério Alves dos; GUEUDEVILLE, Rosane Santos. Universalização não excludente e individualização inclusiva. **E-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-26, 30 mar. 2023. Pontifical Catholic University of Sao Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e55830>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/55830>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues. **Currículo na fronteira: políticas e práticas interculturais**. Curitiba: CRV, 2022. 152 p.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues; CHACON, Jerry Adriano Villanova. Educação Inclusiva e Educação Especial na perspectiva inclusiva: repensando uma Educação Outra. **Educação Especial**, [S. l.], v. 35, p. e46/1–18, 2022. DOI: 10.5902/1984686X69277. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/69277>. Acesso em: 22 set. 2024.